

A VIDA
QUE NASCE DA MORTE

OS SANTOS
ESSES NOSSOS IRMÃOS

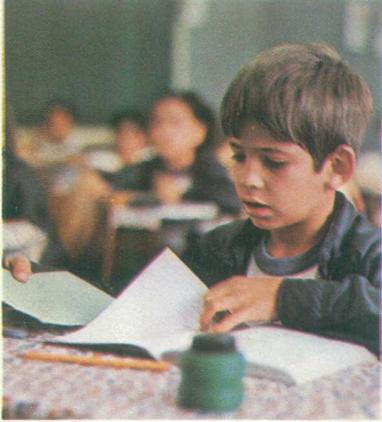
ADVINHAÇÃO DO FUTURO

A MORTE É PARA QUEM
SABE MORRER

A CRIANÇA E O VELHO
PERANTE A MORTE

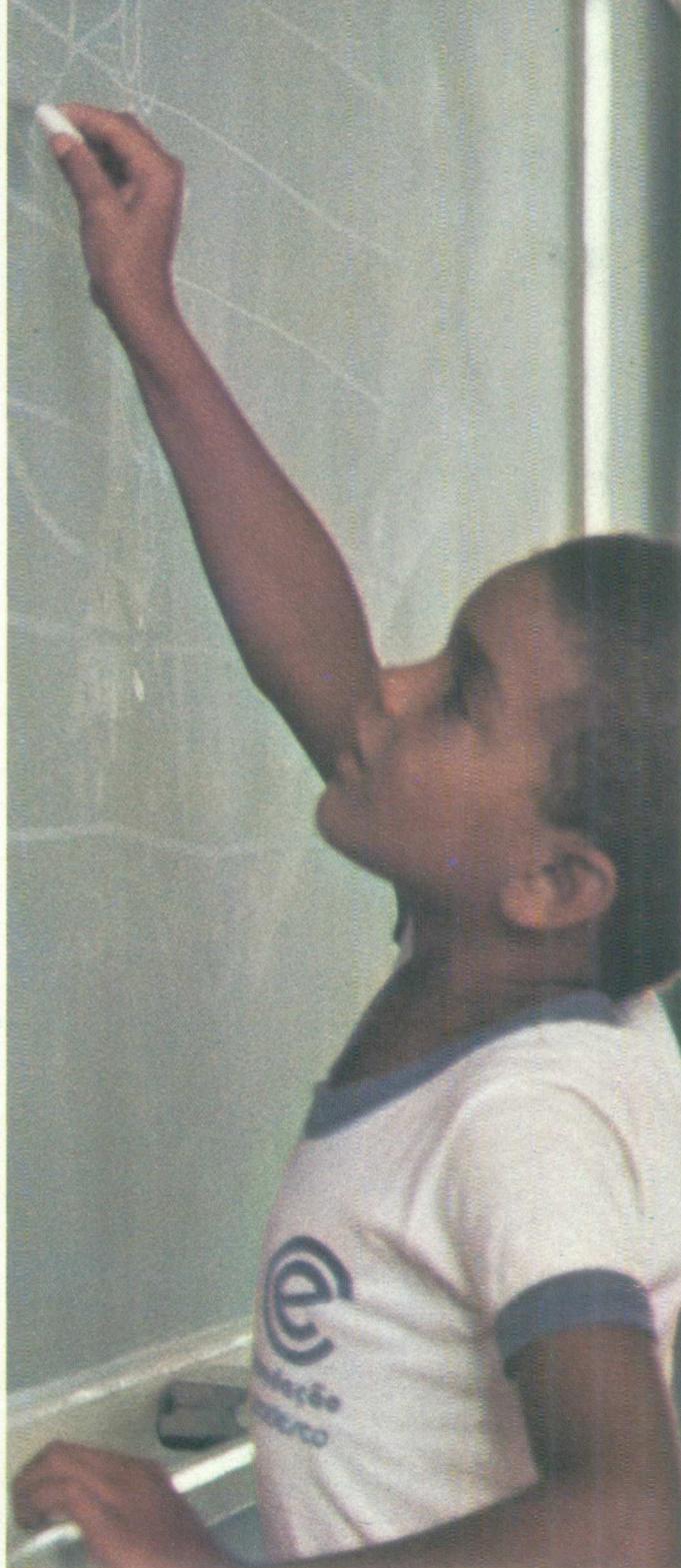
FINADOS

APRESENTAMOS O INVESTIMENTO MAIS IMPORTANTE DO BRADESCO: GENTE



O investimento mais importante do Bradesco, não perde chance para jogar pião, brincar de roda e esconde-esconde.

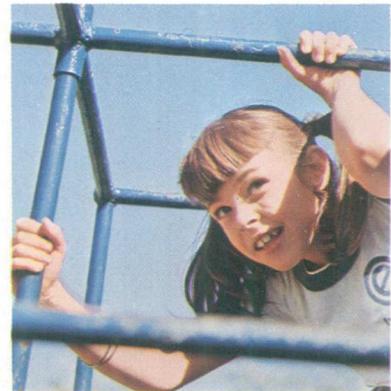
Mas o tempo que ele tem para isso, graças à Fundação Bradesco, é dividido com outras atividades importantes. A Fundação Bradesco, organismo responsável pela política educacional de toda a Organização, mantém aproximadamente 8500 alunos em todo o Brasil. Em cursos que vão desde o pré-escolar até o 2º grau profissionalizante, abrangendo as áreas de turismo, programação de sistemas, administração de empresas, auxiliar de enfermagem, núcleo de capacitação e treinamento em artes gráficas, manutenção de máquinas



de escritório e inseminação artificial.

A Fundação Bradesco mantém-se de doações das empresas Bradesco e principalmente do seguro TOP CLUB, que destina todo o seu lucro a manter estes cursos. E assim, a Fundação Bradesco vai expandindo suas fronteiras.

Atualmente, conta com escolas na Cidade de Deus (Osasco), em Conceição do Araguaia (PA), em Canuanã (GO), em Bagé (RS), em Registro (SP), em Laguna (SC), em Campinas (SP), e Uberaba (MG). E em implantação, as escolas de Irecê (BA) e Paragominas (PA). Todas empenhadas em levar adiante a filosofia responsável pelo sucesso do Bradesco: investir nas pessoas é o mais importante.



BRADESCO

garantia de bons serviços



Fundada a 28 de maio de 1898
Publicação quinzenal registrada
no S.N.P.L., sob o n.º 221.689,
no S.E.P.J.R., sob o n.º 50,
no R.T.D., sob o n.º 67
e na DCDP do DFP,
n.º 199.P.209/73.
BL ISSN 0005-1934.
Publicada na cidade de
São Paulo, Brasil.
Propriedade da Editora
Ave Maria Ltda.

Diretor e redator: Athos Luís Dias da Cunha.
Diagramação e Arte: Cláudio Gregianin e Carlos Alberto Pereira.

Colaboradores: D. Vicente Scherer, José Fernandes Oliveira, Elias Leite, Maria do Carmo Fontenelle, Olga Jaguaribe Ekman Simões, Casemiro Campos e André B. Carbonera.

Fichário: José Rodrigues de Almeida, Antônio Vaz Diniz e Fabiola Ramos Caraméz.

Circulação e propaganda: Geraldo Moreira, Joaquim Castro, Nelson Kerntopf, Antônio T. Sato, Antônio Caetano Pereira e Afonso de Marco.

Redação e Publicidade: Rua Martim Francisco, 636, 4.º andar — Telefone: 66-9296 — C. P. 615 01000 — São Paulo

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda.
Rua Martim Francisco, 636 (Santa Cecília) — São Paulo

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em S. Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria.

— Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio.

A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio

PREÇOS:

Número avulso Cr\$ 3,00
Ass. anual (simples) .. Cr\$ 55,00
Ass. de benfeitor Cr\$ 75,00

Representantes locais da AM:

São Paulo: Rua Martim Francisco, 636 — 3.º andar — Telefone 66-9296

AVISO AOS ASSINANTES

O Irmão Joaquim Castro visitará brevemente os assinantes de Três Corações, Carmo da Cachoeira, Cambuquira, Campanha, Conceição do Rio Verde, Lambari, Cruzília, Pouso Alto, Itanhandu, São Sebastião do Rio Verde, Passa Quatro e Cambuí.

Brevemente, o Ir. Antonio Sato visitará os assinantes de Porto Alegre, RS.



FINADOS

Finados. Porque chegaram ao fim. Fim dos dias. Fim da vida. Vida do aqui e agora. Transportados para uma outra Vida. No sempre. No eterno. É a trajetória do homem, mortal e imortal. Matéria e espírito. Corpo e alma. Esse mistério de unidade que faz a vida. E igual mistério de fatal separação cujo nome é morte. Certeira. Inexorável. No nível da justiça absoluta. Ponto de chegada. Sem desvios, nem atalhos. Sem jeito pra se dar. Quando todos adquirem o mesmo tamanho, na passagem. Ninguém é mais.

Foi Deus quem fez assim. Porque é Bom. Porque é Justo. E Pai.

Homem algum previu sua chegada. Muito menos pode presumir sua partida. Nem dia, nem hora. Nem nada. Diante desse eterno segredo, ele se sente bem pouca coisa. Onde está a presunçosa independência? A resposta fria: na morte. Só mesmo Deus tem o cronômetro dos dias e da vez de cada um.

Mas, esse Deus imortal fêz-se modelo para sua criatura. Gravou-lhe no mais íntimo, o sentido do eterno no anseio de uma felicidade sem fim. Felicidade cuja construção depende do homem e tem início aqui na terra, pelo bem que ele fizer e pela ausência do mal que, conscientemente, deixar de fazer. Mas, cuja posse absoluta, como prêmio de uma vida segundo Deus, é o próprio Deus.

Daí que, o culto aos mortos é, antes de tudo, um culto à Vida, na eternidade que eles vivem, pelo fulgor da Ressurreição. As coroas de flores, entretecidas de saudades, representam o círculo

do viver num recomeçar de esperanças. Viver aquele, que conosco passaram e a morte cortou. Então, fala a ausência, no silêncio das lágrimas, no incenso das preces, num mar de lembranças. Sempre apontando longe, uma vida outra, rediviva, na casa do Pai. É a presença da Fé, conduzindo a Esperança de um encontro imortal, pela palavra do Filho: “Eu sou a ressurreição e a Vida: quem crer em mim, viverá, ainda que morra. Quem vive e crê em mim, jamais há de morrer”. (Jo 11, 25-26).

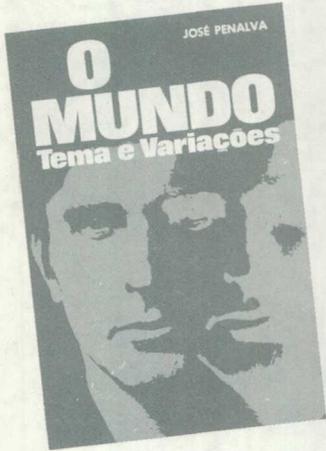
O importante, porém, para nós cristãos, é darmos com nossa vida presente, a mesma resposta de Marta, a irmã de Lázaro e Maria, quando Cristo lhe acrescentou como um teste: “Você acredita nisso?”, resposta de Fé, num rito de esperança vivida: “Claro, Senhor! Creio que tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo”. (Jo 11,27).

Para quem vive uma Fé assim, a morte nunca traz desespero. A dor da separação é semente plantada no peito para o nascimento de uma alegria imortal. Porque haverá o encontro. E todos nós o aguardamos. Donde a paz que deve envolver quem espera, a mesma paz que é a Eterna Vida para os que se foram.

Nesse dia de santas recordações, nossa homenagem a todos os mortos. A variedade das flores depositadas nos túmulos, nos indique, em carinho e saudade, o passar pela terra. E a multiplicidade em luz das chamas das velas nos aponte o céu.

Lançamento!

2 NOVOS LIVROS



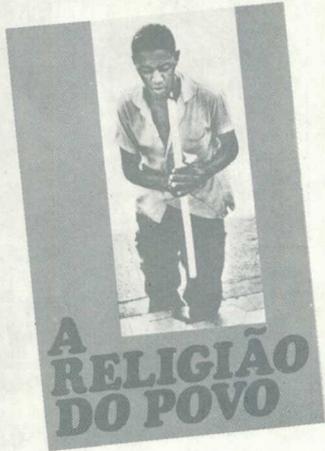
O MUNDO TEMA E VARIAÇÕES

Há muita gente que vive a protestar contra esse mundo, achando errado quase tudo nesta vida: as coisas materiais e temporais não valem nada ou, pior ainda, são coisas más. Só sabem ver pecado e erro em quase tudo...

O Autor — nacionalmente conhecido como Professor de Teologia e de Música —, numa dúzia de capítulos muito fáceis de ler, apresenta reflexões e testemunhos sobre o valor do universo que Deus criou para nossa felicidade, esse mundo não desprezível, não odiável, que, ao contrário, contém em si tantos valores que todo Cristão deve saber contemplar e dinamizar.

A vida é bela. Não há razão para pessimismo inveterado. Terrível defeito, o misticismo falso, desses falsos devotos que têm medo do mundo e só pensam fugir dele. Escripulo, maniqueísmo. O mundo não é um mal; é um imenso bem que Deus nos concede.

Redescobrir o mundo, olhá-lo com emoção, apreciá-lo profundamente.



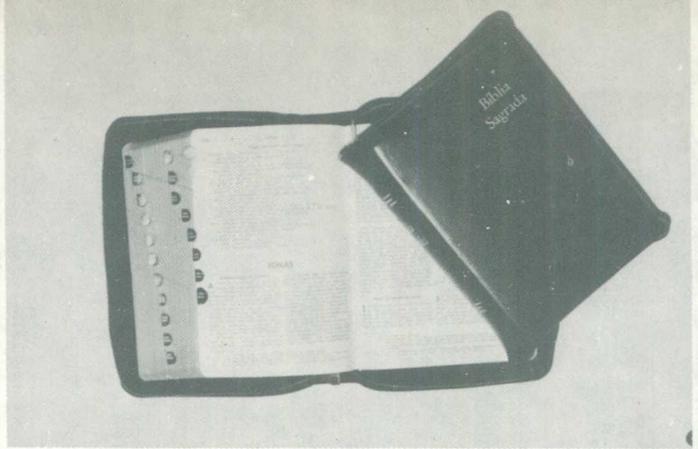
A RELIGIÃO DO POVO

O livro de 150 páginas reúne as conferências da I Semana Teológica do Studium Theologicum de Curitiba, realizada em fins de 1976.

O sumário apresenta os seguintes títulos: O Catolicismo do Povo — A Religião nos meios universitários e entre os operários da construção civil (Curitiba) — Evangelização e Cultura — Cultos Afro-brasileiros e Religião do Povo — Jesus e a Religião do Povo — Atitude de Cristo perante a Religião do Povo e as Bênçãos da Igreja — Salvação e Rito Religioso — Renovação Carismática e religião do Povo.

Encontrar e reconhecer a presença de Deus na vida dos homens, mesmo que as manifestações religiosas desponham de maneira totalmente imprevisível. Algumas "crenças" têm muito mais de catolicismo do que se podia imaginar nos tempos de rígida intolerância. Com maior compreensão da alma popular, diversos cultos podem-se transformar em verdadeiras forças de Catolicismo.

"Eu te louvo, ó Pai, por teres manifestado estas coisas aos simples e pequenos" (Mt 11, 25).



A Palavra Que Não Falha

Já percebeu, quanta falsidade e mentira no turbilhão de notícias que nos chegam?!

No rádio, na televisão e, sobretudo, nos jornais, nas revistas e periódicos profanos, examine bem: quantas contrariedades, interesses egoístas, adoração do dinheiro, irresponsabilidades, ódio, exaltação da vaidade.

Ao mesmo tempo, observe quanto sofrimento, quanta angústia e desespero. (Quão pouco sabem os homens guiar os homens!)

Isto, dia a dia, está entrando em sua casa!

Você vai continuar assim?!

Não se lembra que também Deus fala para Você? E que sua palavra de esperança, alegria e amor continua pronunciada para Você, aqui e agora?

OUÇA atentamente a palavra de Deus, na igreja, ao menos, cada sete dias ("...aos domingos e dias santos de guarda").

LEIA atentamente a palavra de Deus, na BÍBLIA SAGRADA, que todo cristão deve adquirir, sem falta, e deve meditar e seguir.

Sempre, muito cuidado com o que os homens falam e escrevem. Ouça e leia, isto sim, a CARTA de DEUS, Pai celeste, a nós, peregrinos neste mundo.

Em edição simples ou de luxo, propague a BÍBLIA SAGRADA. Seja mensageiro da Palavra de Deus. Ela nunca falha.

Dê a BÍBLIA de presente: aos filhos... aos pais... aos afilhados... aos formandos... aos doentes... aos presos... às famílias pobres... aos verdadeiros amigos... a todos os homens de boa vontade.

Assinale o(s) livro(s) desejado(s) e peça à
LIVRARIA "AVE MARIA" - Cx. P. 615 - 01000 SÃO PAULO

- O MUNDO — Tema e Variações (30,00)
 A RELIGIÃO DO POVO (55,00)

Nome

Rua

CEP Cidade Est.

BÍBLIA SAGRADA, em diversas apresentações: marque
seu pedido e enderece à:

LIVRARIA "AVE MARIA" - Cx. P. 615 - 01000 S. PAULO

- Bíblia — Simples (100,00)
 Bíblia — Com índices laterais (120,00)
 Bíblia — Com índices laterais e zíper (180,00)

Nome

Rua n.º

CEP Cidade Est. 1

Os torcedores do Corinthians e do São Paulo e de outros grandes que nos perdoem, mas torcer pelos santos até que constitui uma coisa muito inteligente... Mas é claro que não estamos falando daquele time da Vila Belmiro! Estamos falando de pessoas... gente como nós que, no tempo em que viviam aqui neste sofrido mundo de Deus, conseguiram ser íntimos de Jesus e bastante parecidos com Ele. OS SANTOS. OS NOSSOS HERÓIS. Aqueles que a Igreja coloca em fotos, em imagens ou em liturgias bem na frente e à frente de nossas comunidades para que ninguém se esqueça de que **É POSSÍVEL, É PRECISO e É IMPORTANTE** a gente seguir a Jesus, pois Pedro, Paulo, João, Francisco, Teresa, Teresinha, Maria Goretti, Tarcísio, Domingos, José, João e muitos outros conseguiram... São os santos da Igreja Católica.

Algumas pessoas, simulando uma grande cultura religiosa, negam-se a admitir esta prática de venerar os santos e prestar homenagens àqueles que conseguiram chegar perto do ideal proposto por Jesus, a ponto de merecerem o carinho de todos os cristãos pelo que deixaram escrito em suas vidas e em seu testemunho. Dizem que isto é idolatria! Sim, senhores! I-d-o-l-a-t-r-i-a!

E, lá na Rússia, os fiéis do Comunismo (reiigião do Estado) desfilam diante da tumba de Lenine. E lá na China o corpo de Mao-Tsé-Tung repousa numa redoma de vidro para que milhões de chineses desfilem diante do seu herói e nunca se esqueçam de que ele existiu e foi um comunista convicto. E todos os povos do Ocidente e do Oriente visitam os túmulos, olham as imagens e até conversam com os seus grandes heróis, contando suas vidas e suas proezas, mentindo um pouco aqui e acolá para que a coisa fique ainda mais histórica.

Como se pode aferir, o culto a determinadas pessoas pode ser apenas reverencial e pode cair nos extremos da divinização e da absolutização. Cultivar a memória dos heróis não é errado.



Mantém um povo alerta e unido. Se eles conseguiram, outros também conseguirão! Se eles puderam, nós também podemos! É a conclusão lógica que se tira do culto aos heróis.

O Reino de Deus também tem os seus heróis. E a gente fica muito feliz por saber que um jovem chamado Francisco, lá em Assis, conseguiu ser o magnífico homem de Deus e cidadão do reino que foi. E é bom saber que milhares de homens e mulheres conseguiram gostar tanto de Deus e de Jesus, que viveram na plenitude de suas forças o ideal do reino.

E o bom é saber que continuaram limitados como nós, mas conseguiram. Se eles puderam perseguir a perfeição da caridade, por que não nós, hoje, agora, século XX, onde poucas pessoas são gente de verdade?

O culto aos santos tem os seus exageros. Essa de passar a mão pelas estátuas para conseguir ajuda, ter a sua imagem predileta, jogar beijinhos para o santo, beijar a fita dele, trazer medalhinhas para conseguir afastar mau olhado, virar o santo para conseguir casamento, e outras tolices que a gente acaba por fazer quando não entende o verdadeiro objetivo da devoção aos santos, tudo isso não justifica abandonar o respeito pelos homens, mulheres, jovens e até crianças que conseguiram mais do que nós aquilo que tão penosamente perseguimos hoje: a coerência e a fidelidade absoluta e total ao Evangelho.

Quando o santo fica mais importante que Jesus e quando o católico fala mais com o seu santinho predileto do que com Jesus, chegando mesmo ao absurdo de atribuir todas as graças que recebe ao seu santo especial e deixando Jesus Cristo num triste e insignificante segundo lugar, é tudo, menos devoção aos santos.

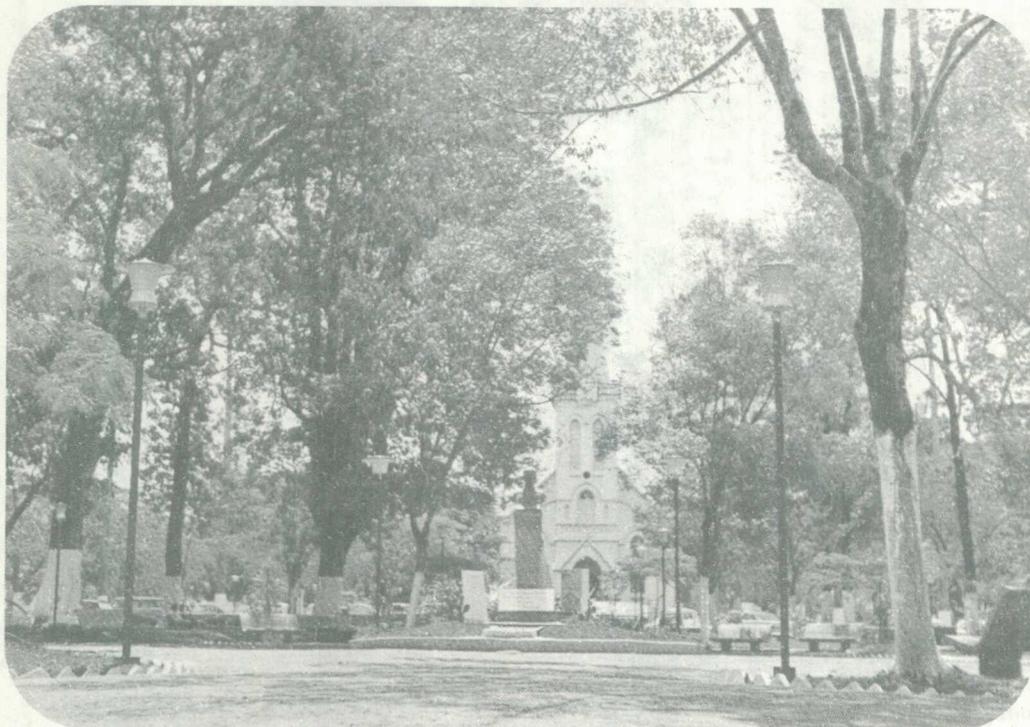
Ou a devoção aos santos nos motiva a procurar mais os sacramentos e a rezar diretamente a Jesus, a repousar no Espírito Santo e no Pai, ou nossa devoção está errada. Que Santa Bárbara, São Jerônimo, São Pedro, São Paulo, São Cosme e Damião e São Judas que me desculpem, mas, se não fosse Jesus, a essas horas nem sei onde é que eles estariam. Coloquemos os santos em seu devido lugar que nosso carinho por eles crescerá. Primeiro Jesus, depois eles por causa de Jesus. Não como intermediários que passam recado, mas como intercessores que pedem com a gente! Estamos conversados?

Pe. Zezinho, scj

VOCÊ TORCE PELO(S) SANTOS?

CIDADES DO MEU BRASIL

SÃO PEDRO (SP) — A capital do bordado



A cidade de São Pedro foi criada por volta de 1842, quando começaram a chegar as primeiras famílias vindas de Itu e Sorocaba, e entre elas a dos Teixeira, sendo o seu fundador Joaquim Teixeira de Barros. Em 1881, São Pedro foi elevada a município.

São Pedro possui, hoje, uma população de 15.000 habitantes, tendo uma área de 596 km².

Clima - seco

Altitude :

Sede - 580m
Alto da Serra - 700 a 950m
Temperatura - 15°C a 28°C
Limites:
Norte - Itirapina
Sul - Piracicaba
Leste - Charqueada
Oeste - Brotas e Torrinha
Distância da Capital - 200 km.

Vias de acesso - Anhangüera e Castelo Branco.

Dentre as atrações turísticas destacam-se:

Nascente da Água Mineral de São Pedro.

Ponte Pênsil (na encosta da serra).

Gruta dos Anões (a 500 m da nascente).

Parque Turístico "Ariston Azevedo" (próximo ao centro)

Clube de Campo Serrano (no pé da serra)

Prainha Branca (margem do Ribeirão Araquã)

Hotel Fazenda São João (1.400 m do centro)

Cascata Dorigon (alto da serra).

Poço dos Coqueiros (alto da serra)

Pedra Branca (alto da serra)

Gruta da Peroba (alto da serra).

Cruzeiro do Facão (alto da serra)

São Pedro possui 2 estabelecimentos escolares estaduais e 1 escola de comércio.

Os estabelecimentos de comércio são dos mais variados, destacando-se o bordado.

São Pedro, recanto turístico, embelezador do Estado.

Terra que tem como patrono o "Príncipe dos Apóstolos"

Terra do poeta "Gustavo Teixeira"

Terra das "Águas Milagrosas"

Terra do "Bordado"

Terra do "Clima Saudável"

Terra por onde o "Rio Piracicaba" passa majestoso.

São Pedro brinco da Serra de Itaqueri.

Colaboração de:
MARIA DE LOURDES ESTEVES

INDÚSTRIA DE BANCOS PARA IGREJAS UNIÃO DA VITÓRIA LTDA.

Fábrica de Altares, Bancos e Móveis para Igrejas



Bancos em cristal, imbuia ou peroba

FABRICADOS EM MADEIRA DE LEI DE 1.ª QUALIDADE

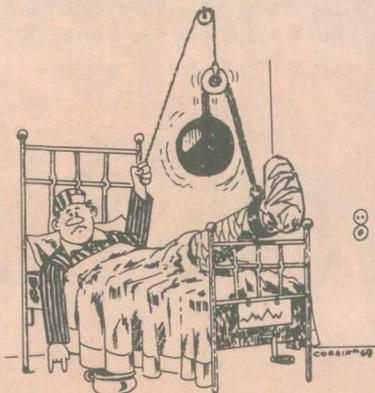


Cadeiras escolares com assentos anatômicos

Peça catálogo ou um banco para demonstrações, ou solicite visita de nosso representante.

FÁBRICA: Rua Barão do Rio Branco, 236 — 04600 União da Vitória, PR
ESCRITÓRIO, DEPÓSITO E EXPOSIÇÃO: Fones: 93-3945
Rua Coimbra, 62 e 139 (Brás) — Cx. P. 52 — 01000 São Paulo, SP

SEM PALAVRAS



Consultório Popular

- Aqui respondemos a perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Favor enviar selos para a resposta. Correspondência para:

Pe. Diretor da AM — Caixa Postal, 615 — 01000 — São Paulo

Missa aos Domingos



1.658 É preciso ouvir missa aos domingos ou pode-se fazê-lo em qualquer dia da Semana?

Os primeiros cristãos entenderam realmente o sentido da vida e da morte quando se encontraram com Alguém: Jesus Cristo, o Senhor e Mestre. Esse encontro com Cristo motivava-os a reunirem-se em assembleias para proclamar a sua fé em Jesus e celebrar a Eucaristia. Não precisavam de preceito para confessar Jesus Cristo e celebrar seus mistérios; Ele era toda a razão do comportamento dos discípulos. Assim, era lógica a reunir-se em torno da Mesa do Senhor.

Os Atos dos Apóstolos (2,42) nos dizem que os primeiros cristãos "eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos, fiéis à comunhão fraterna, à fração do pão e à oração". E dessa fidelidade brotava em cada um o AMOR que os unia e fazia com que os pagãos dissessem "vede como se amam". Mas, por que não fazer esta celebração em outro dia, mas sim no domingo?

Porque no DOMINGO celebramos a Ressurreição de Jesus. Uma nova vida se instaurou com este fato, e a possibilidade de salvação tornou-se uma realidade. É o dia em que o Senhor venceu a morte, atravessando-a, de modo a nos apresentar a nova criatura ou o novo homem dotado de liberdade. Assim o DOMINGO é o dia do contato mais íntimo com os valores eter-

nos e, por excelência, com a Eucaristia, que nos comunica o Cristo que, tendo padecido e morrido, ressuscitou e nos dá o antegozo dos bens espirituais e definitivos. Desta forma o cristão compreende que não deveria passar um domingo em sua vida sem participação na Eucaristia.

Foi, pois, a Igreja que prescreveu a assistência à Missa aos domingos e dias de preceito. Quis assim concretizar, do melhor modo possível, a obrigação dos fiéis de santificarem o dia do DOMINGO. Reconhecendo ultimamente a dificuldade e mesmo a impossibilidade de muitas pessoas, nesta nossa era industrial, de assistir Missa aos domingos, concedeu que tais pessoas e todos que o quiserem, possam ouvir Missa de preceito aos sábados de tarde. Tudo isso dependeu de uma lei positiva da Igreja. Ora, até o presente a Igreja não autorizou nenhum outro dia da semana para nele se cumprir o preceito de ouvir Missa. Portanto, ninguém pode, por sua própria conta, se autorizar a trocar domingo ou sábado, por outro dia da semana.

Deixar de ouvir Missa aos domingos, sem ser por algum motivo sério, é pecado grave, pois o preceito da Igreja continua sendo grave. Percebe-se que com o tempo o convite do Senhor tomou a forma de preceito grave, pois, a Igreja tem a consciência de que o encontro com o Senhor é insubstituível fonte de vida.

Não se trata, pois, de um preceito legalista, imposto de fora para dentro, mas traduz e concretiza o convite do Senhor aos discípulos de comerem a Páscoa com Ele até o dia de sua vinda.

Assistir missa só quando se tem vontade?

1.659 Eu só vou à Missa quando sinto vontade, pois, deste modo participo melhor. Acho que a missa só tem valor se a gente sente atrativo por ela. (Leitora da A.M.)

(Confira a resposta dada à pergunta acerca da necessidade da Missa Dominical.)

É bom saber-se que na Eucaristia, o mais importante não é aquilo que a pessoa sente, mas, sim, aquilo que o Senhor

Jesus realiza; em toda Missa, quer o sintamos, quer não, o Cristo Jesus nos comunica a cada um de nós suas graças, provenientes de sua Paixão e Ressurreição. E é por Cristo que temos acesso a Deus pai.

Toda Missa é válida e frutuosa para quem se abre à ação de Cristo pela fé. É evidente que a nós cabe fechar o "guarda-chuva" que muitas vezes se encontra aberto sobre nossa cabeça, impedindo que nos molhemos com as graças que Cristo derrama sobre nós. É pela fé em Jesus, que não significa sentimentos e emoções, mas inteligência e vontade, que temos acesso pleno ao Pai. Em muitas ocasiões em que nos desculpamos da participação da Missa, o motivo central é nossos olhos que enxergam tudo da cor da qual eles são feitos, e não a Missa ou coisa em si. Quem sabe se sem "guarda-chuva e óculos" a gente possa perceber melhor os valores que a Missa, o Encontro com o Senhor e os irmãos possuem.

Congregação Mariana

1.660 Eu pertencio a uma Congregação Mariana que faliu, será que continuo consagrado. Posso pertencer a um outro grupo de Igreja como Legião de Maria, Liga Católica? Como se deve entender Consagração? (V.F.P.)

O valor da consagração que se faz a Deus não reside no ato jurídico, mas sim na disposição do coração da pessoa que se consagra. Como a própria palavra indica, a pessoa se torna pertence de outra. Assim sendo, a consagração ultrapassa os limites de espaço e tempo e mesmo da própria entidade em que se fez a consagração. Ninguém se consagra a uma sociedade, mas a algo superior a ela, e que lhe dá o próprio sentido de existência. É evidente que a dedicação prometida a Deus se efetuará dentro de uma entidade.

Enfim, quem se dá a Deus, deve fazê-lo de modo claro e definitivo, seja onde for e como estiver. O que importa é o coração dedicado e sincero que procura em tudo realizar a vontade do Pai. Sob este ângulo, creio que uma pessoa pode, sem peso de consciência, pertencer a um outro grupo de Igreja, continuando a ser "consagrado".



Eis uma das tantas aparentes aberrações. Vida. Morte. Dois conceitos popular e biologicamente opostos. E por que não filosoficamente contrários? Cada fenômeno com repercussões bem diferentes na sensibilidade humana. Cada realidade com uma imagem bem antagônica. Nascer. Morrer. Que recordações diferentes! Que diferenças de celebração social!

POR DETRÁS DA VIDA ESTÁ SEMPRE A MORTE.

E, no entanto, continua com muito realismo a expressão: "a vida nasce da morte". É que normalmente esvaziamos a morte de seu conteúdo religioso e humano e marcamos-la com os traços negativistas e escuros do desespero, da tristeza, da destruição, da separação. Normalmente nós vivemos mais sob a impressão da morte, enquanto fenômeno físico-biológico, e menos sob a experiência do morrer humano, como tal, que acompanha a vida toda e de cujos escombros a vida brota sempre mais válida, mais forte e carregada de significado e de conteúdo. Por isso já se diz que somente saberá dar valor à morte quem viveu dando valor à vida, morrendo continuamente para tudo o que constitui limitações humanas, para tudo o que não é humano. São igualmente válidas as palavras de Jesus Cristo, em sua comparação sempre oportuna e pedagógica, mas fruto da própria experiência de morte para a vida: "se o grão de trigo... não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto" (Jo. 12,24). Ou ainda: "quem quiser poupar a sua vida por egoísmo, perdê-la-á, mas quem a desgastar, por amor de mim, viverá para sempre" (Mt. 16, 2,5; Jo. 12,25; Mc. 8,35).

A natureza é uma contínua demonstração disso. Toda a primavera tem atrás de si um inverno e ambos tornam mais fecundo o verão, depois de uma purificação e desvestimento outonal. Toda a planta leva dentro de si, em germen, para brotar, outras plantas mais viçosas e jovens, que serão o prolongamento e a vitalidade da vida vegetativa. Mas para tal é necessário morrer para si, desprender-se de algo de

si, para ser vida e extensão noutros. Diz S. Paulo, em 1Cor, 15, 36-37, numa comparação feliz com nossa vida em ressurreição pela morte: "o que semeias, não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias, não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão, de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio".

CRIAR EXPERIÊNCIA DA MORTE, RECORDANDO, NA MEDITAÇÃO, COMO MORRERAM OS NOSSOS MORTOS.

Celebramos, nestes dias, a recordação dos nossos mortos. Recordar é reviver. Recordar, neste momento, é colocar-se em meditação e em oração para comunhão e libertação. Talvez tenhamos a lembrança de mortes bonitas, transparentes de vida, e de mortes não tão belas, se é que morte tem alguma beleza! Talvez mortes espontâneas, aceitas na generosidade da fé e na clareza da esperança, e mortes violentas, mortes rejeitadas, engolidas, acidentadas. Mortes, talvez, que nos cortaram algo do nosso ser, e machucaram profundamente o nosso coração, de que até agora não cicatrizou, e mortes que esperávamos e desejávamos que acontecessem e foram alívio para o nosso coração.

O SABER MORRER PARA VIVER

Mas morrer continua sendo uma realidade, tão real como o nascer e o viver. E saber morrer, para daí tirar sabor e conteúdo humano, é um segredo que não se consegue apenas por vias simplesmente humanas, mas tem luz na fé, consistência na esperança e espírito no amor. Somente que muitos não morrem para viver, porque não vivem morrendo. Não dão sentido à morte, ou talvez pior, lhe tiram o sentido que ela tem ou pode representar nos planos da vida que jorra de Deus, e ficam desgastando-se inutilmente, em desperos, em fatalismos, engolindo a morte que se teme como um deixar de

existir e não se assume como uma passagem para um viver sempre em Deus nos irmãos.

Morte. Vida. Somente adquirem significado se forem enfrentadas e assumidas pela fé, na esperança e com amor. Diz S. João: "quem não ama já está na morte". (1Jo. 3,14). Ou a carta aos hebreus: "a fé é um meio de já possuir o que se espera, um meio de conhecer as realidades que não se vêem" (11,1) e pelas quais se luta como consumação do nosso existir. E Jesus Cristo: "ninguém ama mais o outro, do que aquele que dá a vida por ele". (Jo. 15,13). E dar a vida por alguém, é capacitar-se a morrer para si, para que os outros vivam. Quantas vidas, consumadas em vigílias, em dedicações, em doações, poderiam falar nesta hora!

VIDA QUE JORRA DA MORTE

É desta morte que nasce a vida. E quanta vida que nasceu dos escombros de tanta morte! Quanta opção de vida séria, responsável e decisiva brotou no silêncio da consciência de quem soube morrer, mas que aos nossos olhos passou despercebido. Quanto rosto de quem soube morrer, e cuja morte acompanhamos de perto, foi transparência de vida para nós. Quanta mudança de vida, para mais vida, se ocasionou por motivos da morte de alguém que, como justo, se soube doar para a justificação dos injustos. Quanta morte de inocente que está fecundando de verdadeira vida o mundo e está tocando as consciências responsáveis pela vida do mundo. Quantos testes de fé e de amor foram, para nós, as mortes de alguns dos nossos queridos, a quem, pela morte, que parecia separação, nos sentimos mais unidos que nunca e de uma maneira sempre nova, e para quem desejamos vida sempre eterna, porque o amor não morre. É que a morte vivida nas dimensões da morte de Cristo continua jorrando vida que torna fecunda a terra e assegura a posse da eternidade. (Mt. 19, 27-29).

Pe. Narciso Lousa, cmf.

A VIDA QUE NASCE DA MORTE



A MORTE É PARA QUEM SABE MORRER

E digno da vida quem sabe viver, e viver plenamente. Do mesmo modo merece morrer quem assume a morte total. Na realidade, ninguém pode assumir a morte, se já sumiu do sentido real da vida.

A vida tem duas curvas, escreve Boff. A biológica: o potencial energético, ao longo da existência, vai decrescendo irreversivelmente. Cada dia, hora e minuto, perdemos pontos para a vida e ganhamos tempo para a morte. Ela, portanto, não vem de fora, sai de dentro. A outra curva — a da vida pessoal — segue um processo inverso. Compara-se à semente: desabrocha, cresce, atinge a maturidade global. Não se trata de duas vidas paralelas que deslizam juntas, uma independente doutra, mas a unidade substancial, inseparável do corpo e alma, formando um todo.

Enquanto o homem biológico, de si egoísta, atenta para o interesse vital, e se defende contra a morte, afrontando as doenças, — o homem interior se expande pela comunicação do seu "eu" como o "tu", e mais enriquecido se volta para o mundo das coisas exteriores.

Na esfera das estruturações terrestres, o homem está sujeito a uma série infinda de limitações. Entretanto, quando ele aceita a vida em todas as suas dimensões, e dela se torna responsável em qualquer situação: doenças, sofrimento, fracassos, erros de todas as procedências, — tudo será crescimento e um avanço existencial com maior e melhor direção para a morte.

Enquanto para uns a morte é fatalidade e para outros, a destruição absoluta da pessoa, — não faltam os que, na morte, descobrem fantasmas perigosos de projeções mórbidas sobre a vida.

O cristão consciente pensa diferente: a morte é a ressurreição para a vida em Deus, — o ápice de toda nossa grandeza.

Se poucos valorizam devidamente esta vida, como acreditar, em termos de valorização, o apreço pela vida futura?

O mundo atual se torna diariamente um incorrigível antivida... Sua paixão pela morte é tão grande que se especializou em matar, — deixando-se fascinar pelas formas sofisticadas de extermínio humano e ambiental.

Refletindo a época, — em que quanto mais se enche, mais se esvazia — o indivíduo vem sofrendo grande esvaziamento proporcional à enchente de suas ambições. Os artistas, por exemplo, criadores por antonomásia, deveriam através da arte, encontrar melhor a vida. Alguns deles, infelizmente, morrem à vida, não vivendo a morte.

A imprensa documentou fartamente a biografia do famigerado rei do rock and roll — Elvis Presley — Em síntese: duas décadas de glórias humanas, de plenitude externa, sem crescimento

interno. Dinheiro, fama, mulheres, apoteoses e definhamento progressivo da personalidade.

O rei não viveu, matou-se com drogas, com 500 milhões de discos, com 5 milhões de dólares ao ano — faturamento de suas atividades artísticas — e 4 mil cartas diárias que o "Elvis Presley Fan Club" recebia, — matou-se com o divórcio de sua mulher Priscilla. Visto que não morria mas se matava pelo esvaziamento espiritual, acabou tendo medo da morte real. Paradoxalmente, procurou refúgio seguro contra a morte numa espécie de necrodulia — culto aos mortos —: cadáveres, velórios, enterros, cemitérios e práticas congêneres.

Atacado de paranóia — mania de perseguição — instruiu os guarda-costas para castrar o possível assassino que intentasse tirar-lhe a vida. Colecionador de armas de todos os tipos, comprou um dia trinta e duas, para da morte se defender.

Freqüentava, de criança, a Primeira Assembléia da Igreja de Deus. As mensagens bíblicas da morte não conseguiram cristalizar-lhe o sentido da vida. Não viveu correto, passou pela vida se arruinando com as próprias dotações. Enriqueceu muita gente, e morreu miserável de espírito. Fugiu de morrer consciente e responsável, para ser tragado inglorio pela morte. Como ele, tantos outros artistas que não fazem da vida a arte para morrer, mas morrem sem ter tido a arte de viver.

A VIDA - DOM DE DEUS

Os Códigos penais, tratando de direitos individuais, declaram a vida humana o valor supremo e insuprimível da existência. Autorizam a sua destruição tão somente em casos de legítima defesa, alguns deles como sanção de determinados crimes de excepcional gravidade e em tempo de guerra considerada justa. O mesmo princípio, inserido nos decretos dos homens, também está insculpido na lei anterior e irrevogável de Deus: não matarás! O primeiro atentado à vida humana de que temos conhecimento é o fratricídio de Caim que derramou o sangue do irmão Abel. Imediato e severo veio o castigo do assassino, marcado com ferrete indelével e infamante.

Não obstante a difusão do progresso material e da civilização em nossos dias, o respeito à vida sofre generalizada diminuição. Por efeito de desentendimentos pessoais, em atos de terrorismo com intuídos de roubo ou sob o impulso de paixões políticas, em assaltos à mão armada, em acidentes de trânsito, provocados por imprudência ou imperícia, pela prática do aborto na clandestinidade ou em hospitais especializados de alguns países, destroem-se incontáveis vidas humanas sem dó nem piedade. Guerras e guerrilhas produzem multidões de vítimas, semeiam o luto, espalham a viuvez e a orfandade.

HOMICÍDIO PIEDOSO

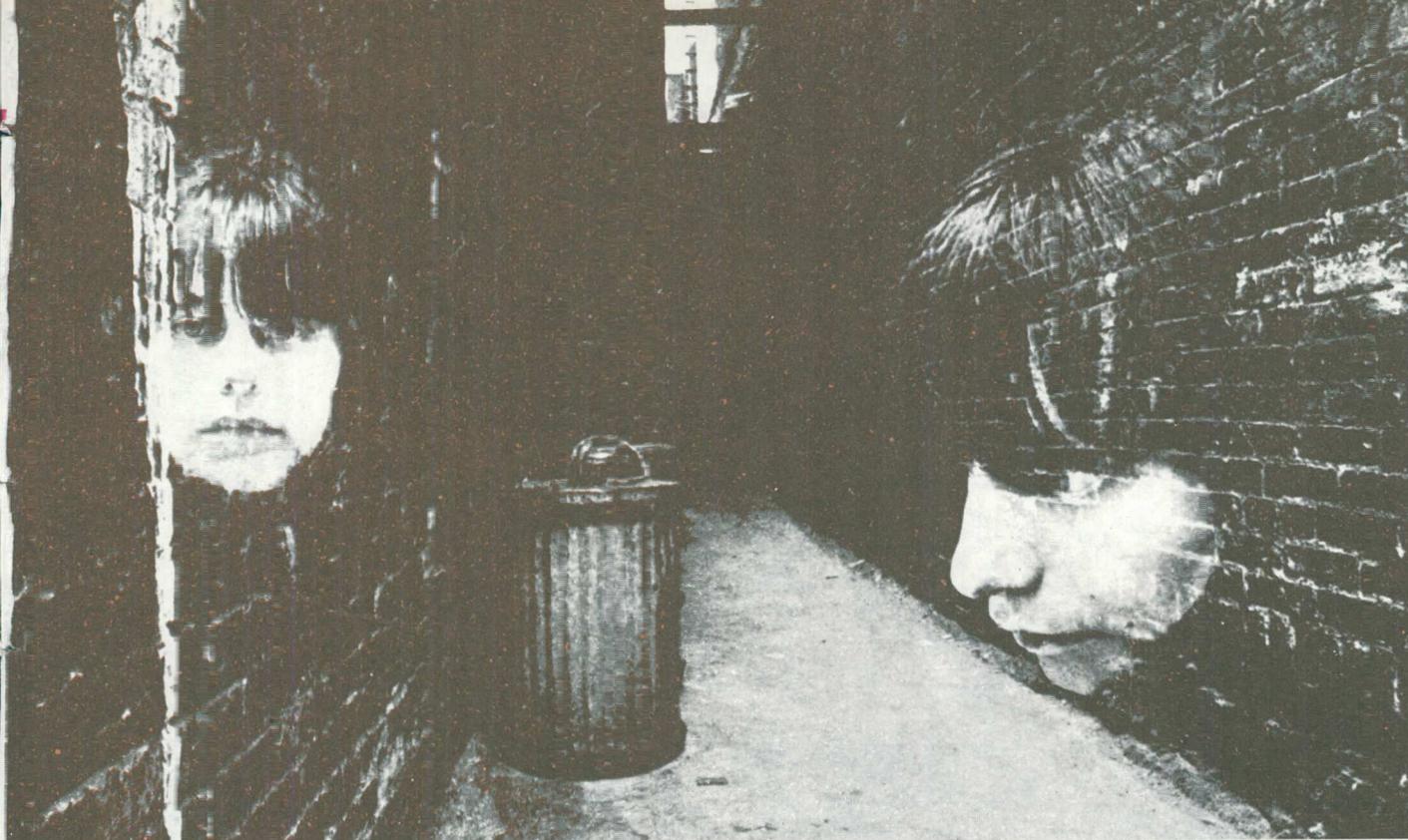
Sempre mais insistentemente também já se levantam vozes em favor de outra forma de eliminação da vida humana, que é a eutanásia. Designa esta palavra a supressão direta e intencional da vida de doentes incuráveis, para pôr termo a sofrimentos longos e atrozes, de inválidos para o trabalho e de débeis mentais ou portadores de outras carências graves. Entende-se que geralmente a intervenção mortal se faça pelo médico por meio de injeção de efeito fulminante. Por que, assim raciocinam os defensores deste procedimento, se não de prolongar a vida e os tormentos de um doente ou de um inválido que se torna um peso contínuo, uma permanente preocupação para muitos e causa de elevadas despesas, sem esperança de melhoras e de cura?

Uma criatura, que está reduzida à inação, sofre limitações de toda a espécie, exige cuidados constantes de sua família ou de uma instituição assistencial, não participa das alegrias da existência. Não será melhor para ela que abandone a vida deliberadamente sem dor alguma, e que se lhe preste este serviço e se lhe ofereça esta libertação? Na América do Norte e na Inglaterra já elaboraram projetos de lei para a introdução da eutanásia e os juristas prepararam um sistema de precauções e garantias que deveriam acompanhar uma eventual permissão para fixar-lhe condições e limites com o fim de prevenir abusos.

Mas o código de princípios impressos na consciência humana, o sentimento inato de intangibilidade da vida e, de modo claro e peremptório, o mandamento divino se opõem a semelhante "homicídio piedoso" ou por compaixão, mesmo quando o doente ou o inválido o permitisse e mesmo o solicitasse. É difícil, além disto, a previsão segura de que uma vida humana está irremediavelmente perdida. Há fatores e circunstâncias subtraídas à argúcia do médico e à percepção dos sentidos humanos mesmo quando aguçados pelos instrumentos mais precisos e os exames laboratoriais mais cuidadosos.

DIREITO DE VIVER

Sem o médico nem o próprio enfermo pode dispor livremente de sua vida. Por maior que seja a degradação biológica da pessoa, ela tem valor e direitos inauferíveis, entre todos este à sua própria conservação. Se o enfermo ou inválido concordasse com a eutanásia, seu assentimento não justificaria a ação letal porque não possui o direito de renunciar à vida destruindo-a por si ou por outros. De



mais a mais, permitida semelhante intervenção, difícil ou impossível se tornaria estabelecer-lhe limites, oferecendo-se margem a inevitáveis abusos. Facilmente se estenderia o processo de eliminação de doentes incuráveis, com apoio nos mesmos motivos, aos dementes crônicos, aos aleijados, às pessoas de idade, às crianças deformadas, e, em geral, aos incapazes de trabalhar e produzir, com o que aconteceu em proporções inauditas sob o regime nazista.

Dentro da concepção cristã da vida, a eutanásia se reprova incondicionalmente. Quem mata a outrem, ou a si mesmo, usurpa um direito de Deus. O princípio foi compreendido também pelos filósofos pagãos antes da era cristã, embora não o respeitassem. O médico pela sua profissão fica colocado ao serviço da vida humana. Não pode voltar contra o doente, o carente ou a vida incipiente as armas que lhe foram confiadas para combater a doença e lutar pela vida. Como a velha guarda, nesta luta se sacrifica mas não se rende. Só dentro desta linha de ação conquistará a confiança dos doentes.

Aeutanásia se inspira em compaixão mal entendida. A bondade desorientada leva à aceitação de teses monstruosas e ao exercício de práticas cruéis e nefastas. Repugna suprimir a vida humana como se matam os animais destituídos de razão e sem vocação para a imortalidade.

SENTIDO E VALOR

Estas razões, sem dúvida, têm valor incondicional e força de convencimento para quem aceita a explicação cristã da dor e reconhece uma finalidade transcendente da existência humana. Para estes, a dor, embora incompreensível e misteriosa, se considera inserida nos planos amorosos da providência salvadora de Deus. Configura com Cristo e Completa sua Paixão (Col. 1.24). Purifica o coração. Acumula méritos. Repara faltas cometidas. Enriquece e aprimora a personalidade. Atrai bênçãos e graças para si e a coletividade. Prepara para outra existência; desta, a morte significa apenas uma passagem e o início triunfal.

Caso inteiramente diverso é o caso da permissividade do emprego de narcóticos e anestésicos para aliviar sofrimentos insuportáveis, crises e depressões profundas de doentes em estado grave, embora tal medicação lhes apresse o fim inevitável. De igual forma, não existe dúvida sobre a liceidade de omitir terapias e recursos extraordinários da medicina e da cirurgia

como transplantes, para salvar a própria vida. Nem sempre, entretanto, será fácil definir até que ponto determinado tratamento se classifica como extraordinário.

Acriatura humana que sofre é uma provocação e um desafio à capacidade do médico chamado a prestar o socorro da ciência profissional, é convite e um teste, principalmente, para a generosidade solidária e o amor autêntico dos familiares e da coletividade que sofrem num dos seus membros.

Adoença, a invalidez e a dor causam uma perturbação na normalidade da vida, mas não anulam o direito de existir. Também no sofrimento o homem se realiza, também a doença incurável é uma dimensão da existência humana. Importa humanizar o mundo mas dele nunca conseguiremos manter distante e ausente o sofrimento. Na solicitude pelo doente, certamente ligada a pesados sacrifícios e impossível sem generosidade de coração, se manifesta e comprova a elevação de espírito e a grandeza de alma, a compaixão, isto é, o sofrimento com o outro, que não se basta a si mesmo. Genuína compaixão se revelará em ajudar o próximo no seu sofrimento a encontrar o sentido e a possível valorização da dor e da própria extinção progressiva e natural da vida.'



Sejamos Otimistas

Existem pessoas que, ao mesmo tempo que desejam saúde, vivem a pensar: — “Eu sou tão fraca! Tão doente!” E não sabem porque ficam cada dia mais fracas e mais doentes, exatamente como pensam.

Para vivermos saudáveis e felizes precisamos eliminar da nossa mente todo e qualquer pensamento negativo e viver sempre com o coração repleto de alegria, esperança e fé inabalável. (Somos ou não somos Filhos de Deus?). Aprender a viver e viver feliz é certamente o estudo mais importante das nossas vidas.

Quando o jovem está aprendendo qualquer matéria, hesita ante o quadro negro, não sabendo qual a solução certa. Erra muitas vezes e tem que apagar. À medida que vai progredindo a hesitação desaparece e passa a escrever logo a solução correta. Na escola da vida é assim, enquanto praticamos, somamos exemplos de vivência que nos ajudam a ver claro, descobrindo o lado bom das nossas dificuldades. Podemos cair no pessimismo muitas vezes, mas sem desanimar, apagamos os

pensamentos (e palavras) errados. Um pensamento negativo não aceito, que foi logo riscado não poderá prejudicar. O que importa são aqueles aceitos, conservados e até cultivados!

O pensamento negativo costuma aparecer em frases como: — “Não tenho mesmo sorte!” ou “Tudo que planejo dá errado!” O que tem a fazer é apagá-lo imediatamente, fazendo mentalmente o gesto como se apagasse um quadro negro imaginário.

Aqueles que se crêem frustrados pela vida não se devem desesperar, pois as portas do otimismo se abrirão para eles, tanto mais largamente, quanto mais tiverem trabalhado sobre si mesmo, a fim de vencer as condições adversas.

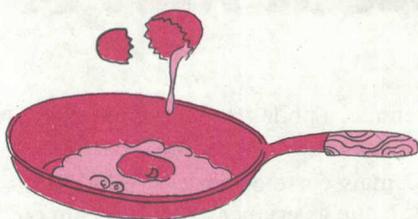
Os acontecimentos de nossa vida não são hostis em si mesmos e só nos ferem quando deixamos que se tornem maiores do que nossas forças essenciais. Até o que nos parece uma desgraça tem um aspecto positivo, mesmo que seja apenas a ex-

periência, a tomada de consciência ou o aumento das nossas forças para combates futuros. Extirpemos os preconceitos que fazem das lutas da vida um espanhalho, demos aos períodos difíceis da existência o nome de “trabalhos” no sentido de crescimento íntimo.

É prejudicial o hábito de se interessar e comentar, com detalhes, as tragédias lidas. A atitude correta é procurar se concentrar no lado positivo de todos os acontecimentos. Se é o fracasso que receia, a doença ou o acidente, em vez de se desesperar, encare-os de frente, procurando conservar a calma, respirando tranqüilamente, não criando obstáculos nem aos músculos nem ao espírito.

E para tanto, contamos com o auxílio do Espírito que nos habita e a que muitos dão o nome de intuição, mas que é aquele de quem São Paulo diz: “VÓS SOIS OS TEMPLOS VIVOS DO ESPÍRITO SANTO!” Será Ele o único que poderá secretamente guiar nossa caminhada da sombra para a luz!

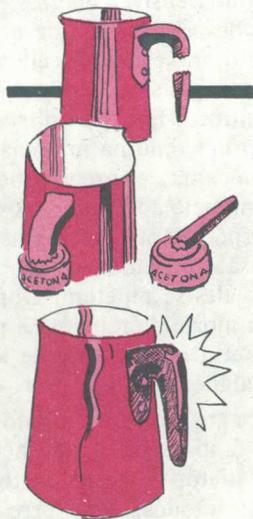
PARTILHANDO BOAS IDÉIAS



PARA MELHORAR O OVO FRITO — Comece por dourar a margarina na frigideira por igual, depois espalhe sal sobre o óleo. Quebre o ovo, com cuidado, sobre a margarina. Abaixar o fogo e deixe fritar sem mexer, com a frigideira tampada, até o ponto desejado. Não gruda.



UM SONO TRANQUÍLO PARA O BEBÊ — Quando o bebê sentir o cheiro familiar da mãe, ficará tranquilo e dormirá calmamente. Experimente colocar um algodão com gotas do perfume que a mãe usa habitualmente em baixo ou ao lado do traveseiro. (É fácil experimentar).



PARA COLAR COM PERFEIÇÃO os cabos de panela, puxadores, etc., use um bom cola-tudo (araldite, por exemplo). Mas experimente o seguinte truque: Antes de passar a cola nas partes a serem emendadas, molhe-as com um pouco de acetona. Deixe secar e passe a cola. O trabalho ficará perfeito.

TORTA DE ABACAXI — Corte um abacaxi em pedacinhos e dê uma fervura com 4 colheres de açúcar. (Ou use de lata). Bata 3 gemas com 3 xícaras de açúcar até ficar clara e crescida, acrescente 4 colheres de manteiga. Bata mais. Por último, junte 1 lata de creme

de leite gelado e sem soro. Escorra o abacaxi, depois de frio, e arrume numa forma de vidro, camadas alternadas de abacaxi e creme. A última de creme. Leve ao congelador e deixe até a hora de servir. Fica com consistência de sorvete.

IDÉIA PRÁTICA



O Xale é um agasalho muito útil. Quando a temperatura muda repentinamente, nada mais fácil e elegante, do que jogar um xale bonito nas costas sobre o vestido. Esse é bonito e fácil. Experimente!

Você vai precisar de Fio Acrílico/Nylon Cisne Sereno (Nov. de 40g) 14 novelos da cor 629 - Cristal. Uma agulha para crochê Milward Phantom n.º 3 1/2.

ABREVIATURAS

tr = trançinha; mp = meio pt de crochê; cd = pt de crochê duplo; ult = último; pt = ponto; seg = seguinte.

Comece no centro com 5 tr, uma com 1 mp para formar um anel.

1.ª Carr. no anel faça (3 tr e 1 cd) 4 vezes, *não una*, mas una um fio contrastante entre o 1.º e ult pt de cada carr. para marcar o início da carr.

2.ª Carr. + 3 tr, 1 cd na seg alça, 3 tr, 1 cd na mesma alça; rep do +.

3.ª Carr. + 3 tr, 1 cd na alça do canto, 3 tr, 1 cd na mesma alça, 3 tr, 1 cd na seg alça, rep do +.

Rep a 3.ª carr até o quadrado medir 45 cm de lado.



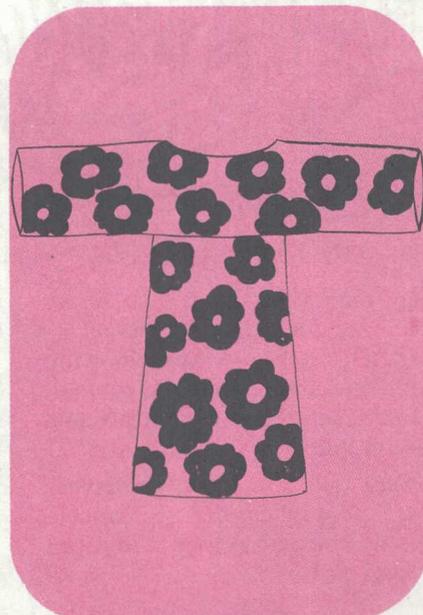
Carr Seg: + 5 tr, 1 cd na alça do canto, 5 tr, 1 cd na mesma alça, 5 tr, 1 cd na seg alça; rep do +.
Rep a ult carr por 30 cm. Arremate. Faça uma franja bem cheia nos 2 lados do xale.



VESTIDO CASEIRO LONGO — Para receber visitas, ou mesmo para ficar à vontade em casa, esse vestido é fácil de fazer e muito original. (Poderá ser também um presente para surpreender a amiga).

Você vai precisar de 1,50 cm de tecido estampado para a saia e 1 metro liso para a blusa. Pode fazer todo estampado.

A saia pode ser um pouco mais ajustada ou reta. Para a blusa, corte duas partes de mais ou menos 1 metro por 40 cm (do pescoço à cintura e de ponta a ponta dos braços). Veja o desenho esquematizado. Costure deixando abertura da blusa, ajuste as medidas, se necessário. Faça bainha na barra, nas mangas e no decote. Está pronto!



A Criança e o Velho Perante a Morte

Tia Zulmira, com 92 anos, afetada pela diabete e bloqueio cardíaco, tem medo de morrer. Ela dorme, segurando a mão de alguém. Gosta de gente sempre perto dela. Sozinha, como se agita!

Recordando o passado, descreve, uma e outra vez, com aquele colorido que lhe é peculiar, passagens de sua vida colegial.

Aos oito anos, vivia interna no Colégio Imaculada Conceição, do Rio de Janeiro. A madre superiora, de grande simpatia para as alunas, falece. As meninas foram levadas, de noitinha, à capela, para o velório. Sob o clarão das velas, desfilavam aquelas crianças junto ao caixão. Um choravam de

A MORTE E A CRIANÇA

Para uma criança de cinco anos, a morte costuma ser um acontecimento passageiro — algo que vai e vem. Nunca dizer ao inocente, nessa idade, que a morte é um sono eterno. Para sua fantasia, a imagem é de todo negativa. Desperta nela associações errôneas no tocante ao sono natural, e, com isso, se perturbará à hora de dormir. Como o morto dormiu e não acordou mais, também lhe dirá a imaginação: você não se acordará nunca mais...

Com muita naturalidade se deve educar a criança para a realidade da morte. Uma das boas oportunidades: quando um bichinho qualquer de esti-

machuca, e pode traumatizá-la, constituindo a origem de futuras neuroses.

O mais correto, em tais circunstâncias, é que as crianças permaneçam em casa, com alguém da família, ou amigos de melhor relacionamento. O abandono em que ficam elas, apenas com os irmãozinhos, sem nenhum adulto, aumenta-lhes a insegurança e mal-estar. Errado seria, por outro lado, ocultar aos pequenos o falecimento dos entes queridos, enrolando-os com historietas que só alimentam a fantasia e perturbam o espírito.

Se os adultos soubessem proceder no que tange às crianças, elas se desligariam melhor da idéia-morte, pois, não têm capacidade para uma vida de constante tensão.

Pais há que zangam com os filhos menores, porque se distraem, riem até nos momentos em que outros choram os mortos. É melhor que se riem a ficar marcados com coisas tristes e chocantes.

DOSE FINAL

Vis-à-vis com a freira defunta, dona Zulmira, aos oito anos, se traumatizou. Sensível demais, imatura, jamais deveria, à boca da noite, tomar parte dum velório. Decorridos 84 anos, a nonagenária ainda vê, pela noite a dentro, a figura sombria da senhora madre. Como na infância se angustiava na cama, — precisando de segurança em meio aos fenômenos de sudorese, corpo gelado, batadeiras do coração, tensão muscular — agora também, pois, eles se repetem. Dona Zulmira vê na morte da religiosa a própria morte, e daí a necessidade de segurar a mão de alguém para dormir.

Com 92 anos, um tratamento é praticamente impossível. Ela necessita mesmo de afeto, de gente perto. Adotar outros métodos, seria erro crasso na condução do problema, com implicações até no açúcar elevado do sangue.

Com o bom-senso de todos e sacrifício de cada um, tia Zulmira chegará, ao fim da carreira vital, mais alegre e feliz.

emoção, outras, de susto. Tia se perturbou tanto que já não dormia mais à noite. Era necessário a vigilante acudida de repente, impressionada, como estava ainda, sob o impacto da primeira visão dum morto.

— Será que esse medo de morrer, na reta final da vida, decorre daqueles tempos de colégio? Agora, como proceder com ela?

mação morrer, substituí-lo logo por outro, para que entenda que as coisas são passageiras, e sempre há substituição. O apego doentio às pessoas, animais e objetos, quando já inexistentes, forja sérios problemas para os corações infantis.

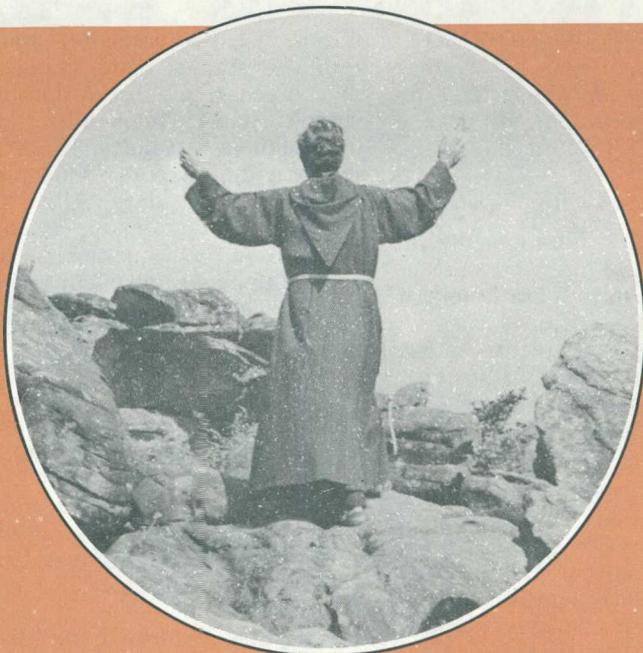
Não se aconselha ninguém deixar-se acompanhar de crianças a velórios, em que se registram cenas dramáticas de choro, histerismo, e outros desatinos...

Dependendo da maturidade da criança, de sua sensibilidade, tudo isso

Kênio Sná.



Os Santos Esses Nossos Irmãos



Sejam santos em tudo o que fizerem, assim como Deus, que os chamou, é santo". Esta palavra é do apóstolo Pedro, numa carta escrita a comunidades cristãs do oriente, quando sofriam perseguição pela Fé. É um conselho. E uma ordem também, decorrente do compromisso batismal. A palavra *santo*, não assustava os cristãos daquelas primeiras comunidades, quando assim chamados. Tinham eles bem claro o conceito de santidade. Para eles, santo queria dizer o fiel, aquele que guardava a Fé, confessando-a e professando-a, como tema de vida, sem distorções, sem mais ou menos, mas, com verdadeira sinceridade. No dia-a-dia. Na posição social que ocupasse. No estado de vida que vivesse. Sem contar idade. E quanta santidade na gente daquele iniciar da Igreja! Quando obrigados a confessar a fé, o faziam com firmeza. Até ao martírio, até à morte! Lourenço, Sebastião, Inês, Luzia, Tarcísio, Cecília... Multidão sem número. Morriam pela fé que viviam. Hoje, quantos sequer a vivem!

Para os cristãos aqueles, santo não era imagem, a estátua com a exigência desta ou daquela configuração, tamanho ou cor. Era o irmão testemu-

nhando o seu batismo na vida presente. Morto, continuava a ser o modelo, o exemplo na coragem simples de haver seguido o Cristo. Era o fiel, o amigo e irmão.

Para eles, os santos não eram "forças" especiais com poderes classificados. Nem os contemplavam sob o prisma do favor, da serventia miraculosa, especialistas neste ou naquele mal, tal ou qual problema. Eram o bom irmão que seguiu o Cristo, e devia ser imitado nas suas virtudes. Por amor. Amor a Deus Pai. A Cristo o Filho de Deus, o primeiro modelo de santidade. Também pediam-lhes favor, auxílio, graça. Sem troca. Sem a pressão ignorante da promessa exagerada, na propensão do desespero, sem a confiança da Fé. Como na vida da comunidade pediam o pão ou o prato emprestado, na certeza do amor, pediam a graça. E ela vinha de graça, porque era Deus quem dava. Era o dom do Pai, como reconhecimento e nomenagem ao filho que foi filho, que foi santo, "como o Pai do céu é santo".

Assim devem ser os *santos* também para nós, cristãos de hoje. Nós, pelo nosso batismo devedores de santidade, iniciados nos caminhos do bem, da virtude, de uma vida coerente com os princípios cristãos. Como os nossos irmãos daquelas comunidades de fé, devemos conceituar os "santos" da Igreja santa. Não só aqueles que ela mesma escolhe, após examinar cuidadosamente a sua vida, e no-los propõe como modelos de cristão e irmãos-intercessores diante de Deus, mas, também, aqueles incontáveis em número, "canonizados" pela vida simples, humilde, caridosa, cheia de Fé, purificada no sofrimento e na dor-sacrifício, oferecidos em ritmo de paciência, por uma vida sem pecado, mas rica de amor. E nós os conhecemos tantos!

Basta lembrar. Em nossa família mesmo. Entre os nossos amigos. Entre aqueles que vivem para Deus. Muitos entre nós ainda. Muitos já na casa do Pai! E todos para nos encorajar, nos incentivar a uma vida mais santa, mais cheia de paz. Rezemos também a eles. São nossos irmãos. **OS SANTOS DE DEUS.**

Pe. Elias Leite

QUINTO MISTÉRIO GOZOSO

O Menino Jesus deixou-se ficar no templo e foi encontrado por José e Maria. (Lc 2, 41-52)

1. O fato histórico

O povo de Israel, profundamente religioso, obrigava-se a comparecer anualmente a Jerusalém para festejar a Páscoa. Os adolescentes, desde os doze anos de idade, estavam sujeitos às leis cerimoniais. Assim, quando Jesus chegou aos doze anos, subiu com os seus pais a Jerusalém pela Páscoa, segundo o costume da festa.

Acabados os dias da festa, José e Maria retiraram-se e o Menino ficou-se em Jerusalém sem os prevenir. Ao regressarem cada qual para a sua cidade, formavam várias comitivas de familiares e amigos até chegarem ao ponto onde se dispersavam. Foi ali que José e Maria deram pela falta do Menino após o longo percurso de um dia. Supondo que Ele seguia com os mais, buscaram-no entre os parentes e co-

nhecidos. E não o encontrando, voltaram a Jerusalém, onde, depois de três dias, o acharam entre os doutores, ouvindo os seus ensinamentos e fazendo-lhes também as suas perguntas. Todos se maravilharam com o seu saber com as respostas que dava. Afinal perguntou-lhe sua mãe por que assim procedera. "Meu filho, que nos fizeste?! Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição." Respondeu-lhes Ele: "Não sabíeis que tenho negócios de meu Pai a tratar?" (Lc 2, 48-49).

Não o compreenderam os pais por então. Maria guardou e meditou em seu coração todas estas palavras. Voltaram depois para Nazaré onde Jesus se conservou em exemplar obediência, e crescia em estatura, em sabedoria e graça diante de Deus e dos homens.

2. Jesus inaugurou a sua Missão.

Levantou a ponta do véu de mistério, que lhe envolvia a pessoa, precisamente no templo, e perante os mestres e intérpretes autorizados das Escritu-

ras. Proclamou-se a si próprio como o Filho de um Pai, que não é terreno e que lhe confiou negócios a tratar.

Que negócios? Revelar o Pai dos homens, na qualidade de mensageiro da Palavra Divina. Ser o mediador da reconciliação e salvação entre Deus e os irmãos pecadores, oferecendo o preço de resgate a favor de todos. "Mais que ninguém o Cristo vai fazer do serviço a Deus Pai a sua maior preocupação. O que Ele diz é o que o seu Pai lhe ordenou que dissesse. O que Ele faz é o que o Pai lhe mandou fazer. Para Ele, não há nada acima do serviço do Pai." (Jo 12, 49-50).

Na resposta à sua mãe (Lc. 2,49-50) deu a entender que a esse Pai devia obedecer antes do que a ela e ao seu pai legal.

Maria não percebeu de imediato a verdade profunda, que as palavras do Filho envolviam. Guardava-as, porém, na memória e repensava. Relacionava o que via e ouvia de Jesus. E, assim, muitos segredos se lhe desvendavam. Até na penumbra, sempre acreditou.

Mensagens do Rosário – Hoje



3. Norma de vida e ação.

a) A Missa nos dias de preceito — São José e Nossa Senhora aplicavam-se em assistir às cerimônias religiosas, ao ensejo das festas, na sinagoga de Nazaré e iam todos os anos a Jerusalém pela Páscoa. Após completar os doze anos, Jesus acompanhava-os na peregrinação. Em contraste, são bastantes os casais de nossas paróquias, que não participam da Missa dominical, sem poderem alegar motivos justificados, que na realidade existem. Não causa estranheza que esse mau testemunho arraste os filhos, sobretudo os jovens, a se afastarem das práticas cristãs.

Não há negar que boa parte é consciente do próprio dever, frequenta as reuniões de grupo e os atos religiosos, e não se omite em alertar os de casa. Contudo, os filhos não atendem e são reacionários, contestando. Esses pais vivem intranquilos e se confessam culpados. Não há razão para tanto. Filhos e filhas fizeram a primeira comunhão e, já adolescentes, até se filiaram aos movimentos e comunidades de jovens da paróquia. Vão até certo ponto e arrefecem, desistindo afinal.

Quais os motivos? — Pode ser a inconstância própria da idade juvenil e outros atrativos mais insinuantes, que os motivaram mais. Um fator decisivo é a falta de conscientização dos compromissos decorrentes do Batismo e da Crisma, que as pessoas recebem sem a preparação devida, e reclamando, muitas vezes, contra os encontros prévios sempre recomendáveis e merecedores de apreço.

Outra causa é a desvalorização da Missa por se desconhecer-lhe a relação intrínseca com o Sacrifício redentor do Calvário e o efeito salvífico em prol de todos. Ajunte-se que algumas celebrações são monótonas e cansativas pela nenhuma ou escassa participação da assembléia nas orações, na palavra e no canto, bem como pela atuação deficiente da equipe de liturgia, quando existe. O empenho da comunidade pela correção de possíveis deficiências contribuirá para a freqüência espontânea e assídua dos casais e filhos, às práticas religiosas.

b) O progresso na santificação própria é lento — Nem sempre entendemos logo, a vontade ao Pai a nosso respeito. Diz o Evangelho que Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça... (Lc, 2,52).

Ele se desenvolvia e amadurecia fisicamente com o correr dos anos. Na sua condição de Homem — Deus possuía a sabedoria e a graça em plenitude. Não aumentava nem diminuía. Pois Deus é infinito.

Crescia, entretanto, em sabedoria e graça, no sentido de que Ele se revelava mais sábio e santo na medida do seu desenvolvimento corporal e do maior conhecimento experimental das realidades corpóreas, que apenas enquanto homem podia adquirir. — Nossa Senhora é também um exemplo do que afirmamos. Pois diante da resposta de Jesus no templo, ela não compreendeu as expressões do Filho, mas meditava-as e conferia na memória e entendimento.

“É preciso aguardar que a vontade do Pai a nosso respeito, quando se trata da eleição do estado de vida, se torne mais clara através dos acontecimentos da nossa vida, da Palavra de Deus, da direção espiritual e de muitas outras coisas, que podem conduzir-nos à sua descoberta.”

PRECE

Senhor Jesus e Mestre divino, ensina os jovens a aceitar com espírito generoso as correções e os conselhos paternos, imitando-vos a docilidade e obediência quando adolescente em Nazaré.

Pe.A.A.Lima, cmf

Colaboradores Claretianos

Prezado assinante e leitor:

O Secretariado Vocacional Claretiano, com sede em S. Paulo, vem envidando todo esforço em promover as Vocações Claretianas, sacerdotais e religiosas, isto é, Irmãos Missionários, para o serviço do Senhor entre o povo de Deus. Nós todos sabemos da grande carência de sacerdotes para o ministério e demais serviços. Sabemos da necessidade de Irmãos Missionários, colaboradores indispensáveis nesse mesmo serviço, especialmente na Imprensa Católica, onde desempenham grande missão. Os próprios assinantes mais antigos da AM sentem a ausência da visita dos Irmãos propagandistas a seus lares.

Temos Seminários para Sacerdotes e Irmãos Missionários. E temos que mantê-los com número suficiente de candidatos para substituir as vagas e também ampliar o trabalho em novos campos de serviço. Trata-se de um chamado de Deus e de uma resposta das pessoas. De Vocações, portanto. E isso não se consegue sem orações constantes, sem preces fervorosas do povo, principalmente dos cristãos conscientes, que vivem sua fé e a alimentam pela leitura católica, e os citamos com alegria, como vocês, os 51 mil assinantes da AM, e leitores.

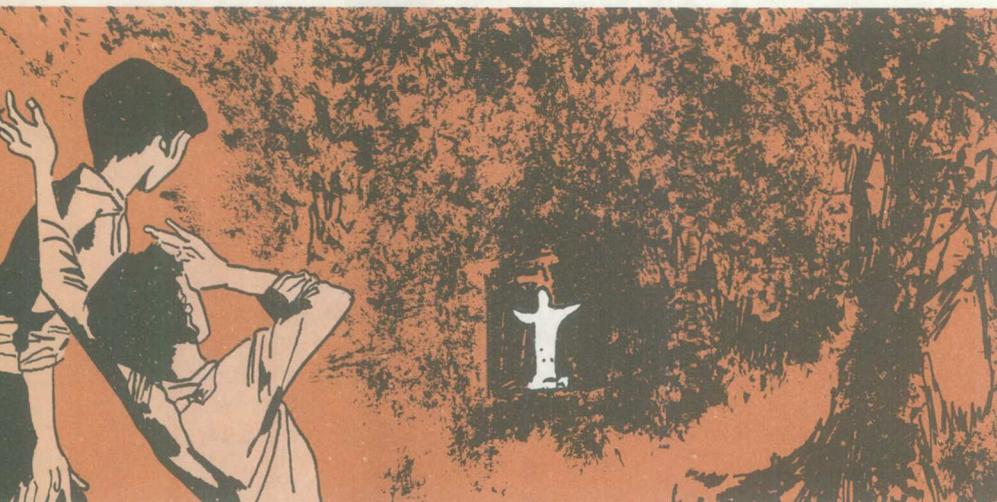
Sabemos que será uma força diante de Deus vocês rezando conosco pelas Vocações Claretianas, pelos Seminaristas e aqueles que os formam como também por todos quantos colaboram, mesmo de longe, na sua formação. É a Igreja, de mãos dadas, numa unidade de oração. “Pedi ao Senhor da Messe, disse Jesus, para que mande operários para a sua Messe. Porque ela é grande e os operários poucos”.

Como auxiliar nesta Campanha Vocacional, o Secretariado lhe oferece uma Novena-Biográfica de Santo Antonio Claret, que lhe proporcionará conhecer o Fundador desta Congregação de Missionários e, por meio dele, conseguir mais Vocações para a Igreja.

Se você quiser associar-se a essa Campanha de orações e auxílio às Vocações Claretianas, basta enviar-nos seu nome completo e endereço, com a quantia de 10,00 (dez cruzeiros) em selos novos do correio, e lhe remeteremos a novena e uma estampa com a Oração pelas Vocações, além de os inscrever entre os nossos Colaboradores participantes de Missas e Orações que em nossos Seminários e Paróquias se oferecem pelos que participam dessa Campanha Missionária.

Nosso Endereço:

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Caixa Postal, 615
01000 São Paulo, SP.



Os Fantasmas do Bosque

Luiz Tatto

Terminava o dia quente de verão. Encostados no muro do portão, BRUNO e MÁRIO desfrutavam a brisa da noite, proseando tranquilamente. De repente, do canto de uma casa vizinha perceberam o vulto de alguém que vinha correndo. Era Júlio. Mal chegou e foi dizendo:

— Os fantasmas! Eu vi os fantasmas!

— O que você está dizendo?

— Pois eu estou dizendo que vi os fantasmas, com meus olhos, no bosque, pertinho da casa do mago.

— Mas o que foi que você viu, afinal?

— Era uma luz muito estranha. Não era fogo ou coisa parecida — eu juro. Era uma luz quase verde... ou amarela.

— Uma luz verde, amarela e vermelha... Era um semáforo — comentou Bruno.

— Quem sabe a noite passada construíram uma auto-estrada lá — acrescentou Mário rindo.

— Se não acreditam, venham ver — rebateu Júlio.

— Você acha que a gente é trouxa, não?

— Não. Mas o que eu acho é que vocês são uns medrosos. Vocês estão com medo, e é por isto que vocês não querem ir ver.

Dizendo isto, deu uma meia volta, virou as costas, atravessou a estrada e desapareceu na sombra entre as casas.

— Vamos ou não vamos? — propôs Mário, depois de uns instantes de silêncio.

— Mas você está acreditando nos fantasmas de Júlio?

— Não sou nenhum simplório, não. Mas até serve para a gente dar uma voltinha. E ao mesmo tempo mostrar que não temos medo.

— Então vamos. Mas, espere um pouco. Vou avisar meus pais.

A "casa do mago", assim chamada por causa de certas lendas estranhas a que ninguém mais acreditava, não passava de um velusto casebre destruído, do qual somente estavam uns pedaços das paredes mestras. Ninguém mais sabia de quem ela tinha sido nem por que motivo ela tinha sido abandonada. Ficava a poucas centenas de metros do centro habita-

do e com frequência os meninos a escolhiam para seus movimentados brinquedos de verão.

Bruno e Mário saíram do povoado e entraram no bosque. Nenhum dos dois nunca tinha dado crédito às histórias de fantasmas que espalhavam e contavam por lá, mas naquela hora os conhecidos do bosque pareciam bem diferentes e qualquer rangido dos galhos ou sussurro das folhas lhes provocava um arrepio que nunca tinham experimentado.

Quando entre os ramos e as folhagens escuras do arvoredo apareceu o branco das paredes destruídas, pararam.

— Não estou enxergando nada — murmurou Bruno bem baixinho.

— Natural! Não está vendo que ainda estamos chegando?

— Vamos lá perto.

Adiantaram-se até bem pertinho das ruínas da velha casa, quando Mário subitamente parou.

— Olhe!

Bem clara e brilhante, apareceu uma luzinha entre os troncos das árvores. Por uns instantes os meninos seguraram a respiração, mas não demorou que desabafassem numa risada: a luz, que tinham visto brilhar como uma estrela entre as árvores, vinha da lâmpada que iluminava a pracinha lá longe do povoado.

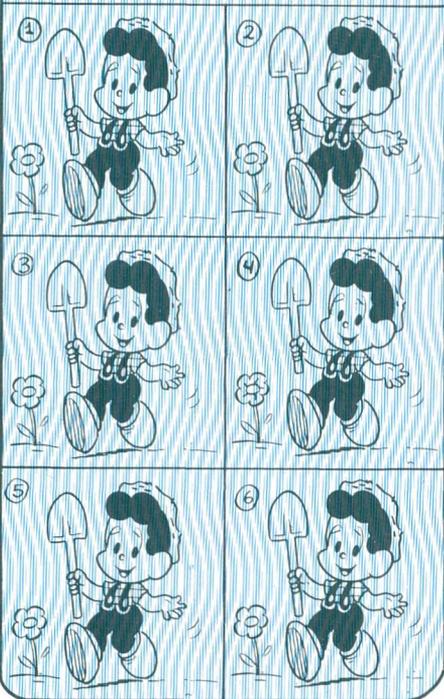
— Aí estão os fantasmas de Júlio!

Mas antes de voltar, quiseram dar uma espiada no casebre. Atravessaram umas moitas e eis que do pé da parede brotava um clarão que parecia sair de dentro da terra: uma tênue luz amarela da cor de uma gema de ovo esverdeada, tal como o amigo havia contado. Os meninos pararam perplexos: era um clarão muito pequeno para se poder definir como um fantasma. Mas, não restava dúvida de que aquela estranha luz, naquele lugar, naquela hora, tinha algo de misterioso...

(continua)

DIVERTIMENTOS

QUAL É A FIGURA DIFERENTE?

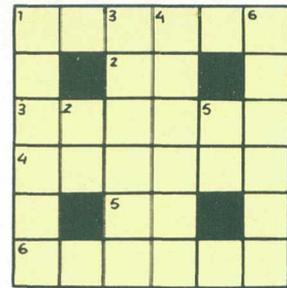


VAMOS TENTAR DESCOBRIR OS DEZ NOMES DE FRUTAS?



M	A	B	T	A	B	T	M	J
E	B	R	M	B	U	V	A	A
L	A	O	A	A	B	U	M	B
A	C	M	Ç	C	B	D	Ã	U
N	A	Ã	Ã	A	C	J	O	T
C	X	T	L	T	L	Q	M	I
I	I	E	M	E	J	P	P	C
A	L	I	M	Ã	O	E	Q	A
B	C	L	T	M	S	R	T	B
L	A	R	A	N	J	A	D	A

© 1975 Mauricio de Sousa Produções Ltda



CRUZADINHAS HORIZONTAIS E VERTICAIS

- 1- LINDA.
- 2- ESCOLA NORMAL.
- 3- NÃO CONSENTIDO.
- 4- DE NASCENÇA (PL.).
- 5- 1ª NOTA MUSICAL.
- 6- JOGA.

624

SOLUÇÃO - Cruzadinhas - H.V.
1- BONITA. 2- EN. 3- NEGADO.
4- INATOS. 5- DO. 6- APOSTA.
A FIGURA DIFERENTE É A Nº 4.

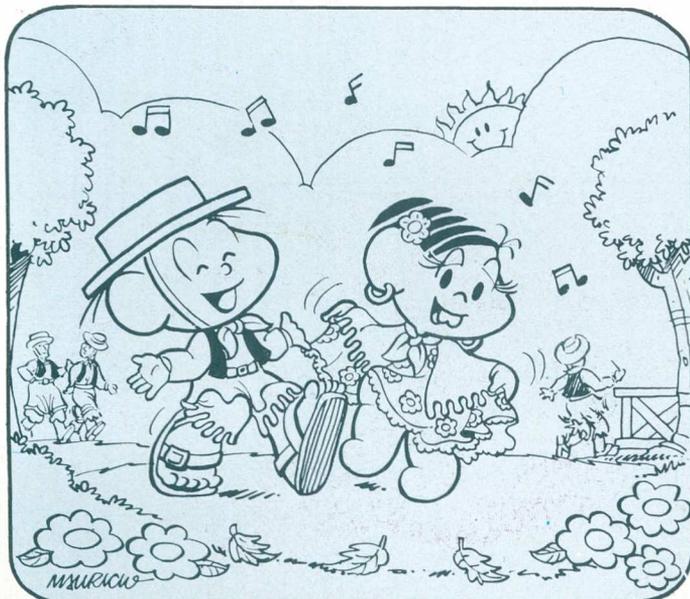


POR QUE VOCÊS USAM PAUZINHOS PALA COMER, MASSALU?

ZAPON É UM PAÍS DE TRADIÇÕES MIRENARES, CEBORINHA!

TLADIÇÕES MILENALES, É?

ENTÃO POR QUE OS PAUZINHOS SÃO DE MATELIA-PLÁSTICA?



624-A

MÔNICA E CEBOLINHA FORAM AO SUL PARTICIPAR DA FESTA DO DIA DO FOLCLORE E LÁ SE DIVERTIRAM A VALER. VAMOS APROVEITAR A CENA PARA O NOSSO JOGUINHO DE HOJE?

SOLUÇÃO: CABELO DO CEBOLINHA, NUVEM, BRINCO DA MÔNICA, LENÇO DO PESCOÇO DO CEBOLINHA, ÁRVORE À DIREITA, CERCA, FOLHA À DIREITA.

ACEITA UM CAFEZINHO? FOI COADO AGORA.



de Alimentos, a empresa que mais entende de café no Brasil.

O Café Pelé passa por um rigoroso controle de qualidade, desde a escolha do grão até o café já torrado e moído que você leva para casa.

Ele é empacotado sem contato manual e lacrado a vácuo. Por isso, conserva todo o seu aroma e sabor.

Agora você já sabe que café é este. Aceita um cafezinho?

CAFÉ PELÉ
- o café da família brasileira.

Um cafezinho sempre vai bem, não é mesmo?

Especialmente quando a gente está mais pra lá do que pra cá e precisa de uma injeção de ânimo.

Ou então quando você almoçou ou jantou bem e só falta um cafezinho para completar.

Está para nascer uma bebida melhor do que um cafezinho coado na hora.

Especialmente quando é Café Pelé.

Aí é melhor ainda, porque, além de ele ser gostoso, você sabe o que está tomando: ele é produzido pela Cacique

